

História dos Hebreus

Chegamos ao fim com a História dos Hebreus, a obra mais conhecida de Flávio Josefo. O capítulo 20 termina no décimo segundo ano do reinado de Nero (66 d.C). E o cenário na Judeia é dantesco, o inferno sobre a Terra Prometida.

O que se percebe ao olhar para a linha do tempo da história dos judeus é que, após a inauguração do segundo templo (que se deu em 516 a.C e findou na destruição pelos romanos em 70 d.C) este povo entrou em uma sequência final de eventos que culminaria com o cumprimento da profecia de Isaías que diz

“Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel.”
– Is 7:14

Não há mais tempo para a destra de Deus permanecer sobre a casa de Davi, era chegada a hora de se fazer cumprir a profecia deste grande rei e profeta, quando ao trazer de volta a Arca da Aliança para Jerusalém, cantou:

“Cantai ao Senhor em toda a terra; anunciai de dia em dia a sua salvação.” – I Cr 16:23

O plano redentor do Deus de Adão precisava se cumprir, e a redenção do homem só poderia ser feita por meio do nascimento do Emanuel. Essa jornada em busca da natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo é a história constante em Josefo a partir da construção do segundo templo em Jerusalém.

O último século antes do nascimento do Cristo

Uma leitura semelhante de todos os historiadores que narraram o fim da era pré-cristã se dá com relação ao clima de insurreição na Judeia e de total desolação da esperança do povo judeu em caminhar diante do Deus de Abraão. Após a morte de Herodes, o Grande, o povo judeu afundou cada vez mais diante do império romano sem uma liderança que fizesse a ligação entre o Reino da Judéia e a capital, Roma. Agripa foi o último líder judeu que manteve um vínculo diplomático com a sede do poder romano, e após sua morte não apenas os judeus perderam representação em Roma como perderam a simpatia dos romanos dentro do território israelita. César Augusto, Tibério, Caio Calígula e Cláudio não foram inferiores em maldades a Nero, que subornado por dois líderes sírios de Cesaréia (norte da Síria)¹ retirou dos judeus seu direito à burguesia -- o que era a medida garantidora de que os judeus não precisavam se submeter ao paganismo romano -- e concedeu aos sírios uma carta autorizando a retirada desse direito sobre os judeus. “Pode-se dizer que essa carta foi a causa de nossos males e da nossa infelicidade”, diz Josefo (#852). Os judeus não reinavam mais sobre sua própria terra, sendo submetidos ao governo romano. Agora, sem sequer deterem o direito ao culto, toda a Judéia foi abandonada ao barbarismo, tornando-se morada de ladrões e salteadores.

Quando Cristo profere o sermão do Bom Pastor (27-28 d.C?), refere-se à realidade que havia tomado conta de Israel já há alguns anos. Nero e sua carta desoladora viria quase 30 anos depois, todo esse tempo foi de desintegração política e moral, era a Velha Aliança cedendo

¹ <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/Provinciaromana-Capadocia-pt.svg>

espaço para um Novo Testamento que passou a valer com a morte do testador, legando à Igreja de Cristo o papel de transformar todo o mundo.

A destruição do Templo

As rebeliões internas dos judeus culminaram com a guerra dos judeus, episódio descrito por Josefo em detalhes em seu livro “Guerra dos judeus contra os romanos”, reconhecido como uma das maiores obras historiográficas já produzidas em todos os tempos. Com o total descontrole social em Israel, os romanos se veem forçados a entrar em Jerusalém e destruir o Templo para desintegrar, de uma vez por todas, a ordem daquele povo que havia se transformado no maior agente desestabilizador do Império. Josefo deixa patente, desde o início do História dos Hebreus a leitura de que, mesmo sendo ele judeu de família de fariseus, os romanos não destruíram o Templo por barbarismo injustificado, mas por medidas de força impulsionadas pelo caos na terra que fora dada ao povo de Deus.

O que entende-se (não em Josefo, mas no estudo da História da Igreja) é que a destruição do Templo foi a medida forçosamente necessária para a cessação da Velha Aliança (Lei) e início da Nova (graça). Com a destruição do Templo, o povo judeu se espalha por todo o mundo, e a religião judaica, centralizada no Templo, deixa de ser uma religião ativa e passa a ser uma religião de esperança. A Nova Aliança em Cristo é não mais geograficamente centralizada em Jerusalém, mas espalha-se pelo mundo por meio de um corpo imaterial organizado pelo próprio Sopro de Deus, que utilizando-se de seus ministros, aplica por meio de Seus dons o poder divino do Criador na manifestação da Graça Redentora.

Chega ao fim o Velho Testamento, e passaremos então a estudar a História da Igreja, o corpo do qual Cristo é a cabeça.

Fernando Melo

Brasília, 8 de dezembro de 2021.